

SIMILITUDES E DIFERENÇAS ENTRE O CANGAÇO E O TRÁFICO DE DROGAS

Adriana Freire Pereira Férriz¹, Ermaela Cícera Silva Freire², José Luis Sepúlveda Férriz³

¹ Universidade Federal da Paraíba/Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Rua Manoel Aires de Queiroz, 82, Malvinas, Campina Grande-PB, adriana_jua@yahoo.com.br

² Universidade Estadual da Paraíba/Departamento de Comunicação Social, Rua Manoel Aires de Queiroz, 82, Malvinas, Campina Grande-PB, ermaela@yahoo.com.br

³ Universidade Complutense de Madrid/Faculdade de Filosofia, Rua Manoel Aires de Queiroz, 82, Malvinas, Campina Grande-PB, jl-junior2008@hotmail.com

Resumo - O presente artigo traça um paralelo entre dois grupos de “criminosos” brasileiros bem conhecidos, um, o cangaceiro, que teve uma atuação restrita ao sertão nordestino, no final do século XIX até meados do século seguinte, o outro, o traficante de drogas, atua, nos dias de hoje, nas favelas das grandes cidades do Brasil. Tal paralelo privilegia uma análise comparativa do modo de vida desses dois universos: o cangaço e o tráfico de drogas, na tentativa de identificar as similitudes e diferenças na atuação desses dois grupos. A imposição de uma justiça social forçada é algo comum aos dois grupos. No caso dos cangaceiros essa justiça social era motivada pelas necessidades dos flagelados da seca, no caso dos traficantes, a proteção/assistência fornecida aos moradores da comunidade se dá pela ausência de políticas públicas destinadas às populações da favela.

Palavras-chave: Cangaço. Tráfico de drogas. Violência.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

A motivação para elaboração do presente trabalho vem da observação de similitudes entre dois fenômenos sociais brasileiros: o cangaço, que teve seu auge no fim do século XIX e primeiras décadas do século XX e o tráfico de drogas, que atualmente, tem sua base de sustentação nas favelas das grandes cidades brasileiras. Apontamos como aspecto importante para a comparação desses dois fenômenos a miséria extrema na qual está mergulhada parte da população brasileira que vive nos redutos do crime, nas áreas urbanas em condições de moradia, saúde, educação, alimentação precárias e, em contrapartida, o Estado apresenta-se como omisso, e quando aparece nessas áreas é “caricaturada” na repressão policial. Por outro lado, a realidade que deu suporte às práticas “criminosas” dos cangaceiros foi marcada também por miséria, fome, secas constantes, que agravavam as condições degradantes as quais estavam envoltos milhares de nordestinos, “sem terras” e à mercê dos grandes coronéis, donos da terras, das melhores áreas agricultáveis, enfim “donos do poder”, que tinham como segurança, um Estado patrimonial que defendia os interesses do grande latifúndio.

O presente artigo traça um paralelo entre os cangaceiros nordestinos e os traficantes de drogas das grandes cidades do Brasil, tomando como

referencial o modo de vida no cangaço e no tráfico.

A base da literatura científica é o livro “Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste brasileiro” de Frederico Pernambucano de Mello (2004).

O objetivo principal é identificar e analisar as similitudes e diferenças na atuação dos cangaceiros no Nordeste do país na transição do século XIX ao XX e dos traficantes de drogas das grandes cidades na atualidade.

Material e Métodos

O desenvolvimento do trabalho se deu em etapas: na primeira assistimos ao documentário “Crônica de uma guerra anunciada”, em seguida foi feita a leitura e fichamento do livro “Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste brasileiro” do autor Frederico Pernambucano de Mello (2004). A escolha dessas obras foi motivada pelo interesse de compararmos os dois fenômenos estudados, tendo como ponto central de nossa comparação a miséria extrema que parte das populações urbanas e rurais estiveram e estão imersas.

Após esse processo foi possível fazer uma comparação do cangaço nordestino com o tráfico de drogas, com o intuito de identificarmos alguns elementos presentes no tráfico de drogas hoje e

que foram determinantes na atuação dos grupos de cangaceiros no sertão nordestino.

Resultados

Para facilitar o entendimento do tema proposto, faremos uma exposição do fenômeno do cangaço, localizado no passado, mas com marcas forte no imaginário do povo nordestino, suas tipologias, atuação dos cangaceiros, para em seguida, tratarmos do tráfico de drogas nas grandes cidades brasileiras.

Não há dúvida de que o período que se refere à atuação dos grupos de cangaceiros fora um período muito intenso e repleto de medo. E o número dos que dos que se entregaram à vida no cangaço não fora calculado, pois a diversidade de grupos e subgrupos era imensa, além do aspecto nômade dos grupos e do alto índice de morte em combate dos integrantes desses grupos. Porém, não podemos negar a relevância de três cangaceiros, que neste contexto merecem destaque pela abrangência e pela determinação de suas práticas: Jesuíno Brilhante, Antonio Silvino e Lampião.

É notório que alguns cangaceiros dessa categoria nunca concluíram sua tarefa de vingança, ou até mesmo, chegaram a mudar a sua motivação (seu escudo ético), entraram no cangaço por vingança, mas depois de algum tempo, mudaram seu objetivo para o cangaço como meio de vida, foi o que aconteceu com o próprio Lampião.

No geral, a atuação do cangaço se deu no meio rural (sertão nordestino), nas brenhas da caatinga, lugar desconhecido pelos chefes políticos que temiam a atuação dos cangaceiros. Nesse sentido, "O cangaceiro realizava os valores de uma sociedade peculiar em muitos de seus aspectos, abafada pelo isolamento, agredida por todo um conjunto de fatores naturais e sociais locais, além da decadência econômica que negava ao homem maiores oportunidades de ascensão pelas vias ditas normais ou legais, fornecendo ao mesmo tempo a esse homem uma outra via – o cangaço – através do qual ele poderia saciar os humaníssimos requerimentos de mando, prestígio, patrimônio e notoriedade, exercendo uma "profissão" cheia de aventuras, nada monótona, nômade, sedutora, pelo que nela é oportunidade de protagonizar o épico tão do gosto do sertanejo" (MELLO, 2004, pp. 100-101).

Outro fenômeno que envolve a discussão do crime no Brasil é o tráfico de drogas que se apresenta em boa parte das cidades brasileiras na atualidade.

A introdução das novas tecnologias na sociedade possibilita uma "otimização" do crime, pois o traficante se tornou uma figura que tem o

poder de controlar o tráfico de qualquer lugar do país e não apenas da favela. É sabido, que muitos grupos de traficantes são chefiados por traficantes que cumprem pena em prisões do país. E muitas fugas são planejadas com o auxílio dessas tecnologias, principalmente, através do celular, o principal aliado dos traficantes presos.

Dessa forma, os traficantes constroem suas trajetórias itinerantes, das favelas às prisões, pois, passam boa parte da vida sendo presos e fugindo várias vezes da prisão. Como a prisão no Brasil não tem cumprido com seu papel de "recuperar" os criminosos, a cada fuga de um traficante, as atividades criminosas são retomadas novamente.

Na tentativa de traçarmos uma linha comparativa entre o cangaço no sertão nordestino e o tráfico de drogas nas favelas brasileiras encontramos algumas similitudes entre estes dois grupos, bem como alguns que os distanciam.

No que se refere aos elementos aproximativos (similares), as relações sociais estabelecidas com os moradores das comunidades, com os policiais e entre o próprio grupo constituem um ponto principal. Pois, tanto os cangaceiros quanto os traficantes se beneficiam do clima de medo e terror instaurado nas áreas de atuação, para então gozarem do apoio irrestrito daqueles que vivem sob o seu "comando", ou seja, coiteiros ou moradores das favelas são capazes de agüentar todo tipo de tortura por parte dos policiais, mas não podem entregar o paradeiro dos protegidos sob pena de graves punições.

A imposição de uma justiça social forçada é algo comum aos dois grupos. No caso dos cangaceiros essa justiça social era motivada pelas necessidades dos flagelados da seca, que não tinham mais esperança de sobrevivência, então alguns cangaceiros atuavam em defesa dessa parcela da população, retirando dinheiro e alimentos dos ricos e dos chefes de governo e distribuindo com os pobres. Já no caso dos traficantes, a proteção/assistência fornecida aos moradores da comunidade se dá pela ausência de políticas públicas destinadas às populações da favela. Nos dois casos há uma troca de interesses: ora os cangaceiros e traficantes protegem os moradores de suas áreas de atuação, ora os moradores dão o retorno "protegendo"/escondendo os cangaceiros e traficantes.

Outro fator que os aproxima é o poder advindo das armas. É bem verdade que as armas usadas hoje pelos traficantes são bem mais sofisticadas do que aquelas usadas pelos cangaceiros, mas o respeito e a "segurança" sentida pelo uso das armas parece ser o mesmo. O fascínio pelas armas se dá tanto pelos que usam as armas, quanto pelos que são espectadores, principalmente, pelas mulheres que, como fora

colocado no documentário, só sentem atração pelo homem armado. E por isso, muitas mulheres se envolvem em atividades criminosas “por amor” e/ou fidelidade aos seus companheiros do crime.

Já no que se refere aos fatores que distanciam/diferenciam os cangaceiros dos traficantes abordaremos apenas um: a presença de crianças nas atividades criminosas. Mello (2004) não apresenta nenhum caso em crianças são recrutadas pelo cangaço e obrigadas a desenvolverem atividades criminosas. No tráfico de drogas, as crianças são utilizadas de diversas formas para a realização de práticas criminosas. As crianças são iniciadas na vida do tráfico muito cedo e “seduzidas” pelo brilho das armas, passando a usar armas de fogo e até mesmo eliminar pessoas, como forma de reconhecimento e ascensão para atividades de maior responsabilidade dentro do grupo.

Discussão

O período de atuação mais enfática dos grupos de cangaceiros no Nordeste brasileiro vai do final do século XIX, mais precisamente, no período da seca de 1877-1979 com a entrada de Jesuíno Brilhante no cangaço até a morte do mais ilustre representante do cangaço, Virgulino Ferreira, o Lampião, em 1938. Depois da morte de Lampião, Corisco continua à frente do bando, acompanhado de sua companheira Dadá, mas em 1940, com a morte de Corisco e a prisão de Dadá fora declarado o fim do cangaço no Nordeste.

No entanto, há registro de atuação de cangaceiros muito antes deste período, só que eram atuações isoladas, individuais, sem muita repercussão. Ainda em 1776, na cidade do Recife (PE) foram enforcados três criminosos: Teodósio, Joaquim Gomes e José Gomes, o Cabeleira, cangaceiro muito temido e que teria sido levada ao cangaço pelo próprio pai.

Jesuíno Alves de Melo Calado, conhecido no cangaço como Jesuíno Brilhante, passou sua curta vida (35 anos), envolvido em vinganças contra inimigos fortes, ficou conhecido como o Hobin Wood do Sertão e Antonio Silvino, ficou conhecido pela sua coragem e sua valentia, tiveram destaque na fase do cangaço antes de Lampião.

Lampião, mais importante cangaceiro de toda a história, nasceu em 1898 em Vila Bela (atual Serra Talhada-PE). Durante as duas décadas de atuação no cangaço (1920-1930) chegou a exercer completo domínio sobre as áreas do sertão de sete estados nordestinos, tendo o seu grupo atingido, em determinado momento, o número de cento e vinte componentes. Ficou conhecido como o rei do cangaço pela

organização que instaurou em seu grupo, que era subdivido em 12 pequenos bandos, cada bando era liderado por um cangaceiro de sua confiança e em ocasiões especiais todos se reuniam. Foi Lampião, que apesar da polêmica, introduziu a mulher no cangaço, primeiro com a entrada de Maria Bonita, depois com a entrada das companheiras dos demais cangaceiros.

De acordo com Mello (2004) não existiu uma única forma de manifestação do cangaço, mas três: o cangaço-meio de vida, o cangaço de vingança e o cangaço-refúgio.

O cangaço-meio de vida foi o tipo de mais freqüência e expressão como modalidade criminal dentro do quadro geral do cangaço nordestino, ou seja, foi o banditismo de profissão que teve como principais representantes Lampião e Antonio Silvino. A característica principal deste tipo de cangaço era um sentido nitidamente existencial na atuação dos que lhe deram a vida.

O cangaço de vingança foi o tipo de ocorrência menos freqüente, embora as suas características de banditismo sertanejamente ético tenham emprestado à imagem genérica do cangaço grande destaque. Sendo assim, encontra-se no finalismo da ação guerreira de seu representante, voltada toda ela para o objetivo da vingança, o traço definidor mais forte. Este foi um cangaço nobre, das gestas fascinantes de Sinhô Pereira, Jesuíno Brilhante e Luís Padre.

O cangaço-refúgio foi um tipo de pequena expressão. Diferentemente dos tipos anteriores, este se caracterizava pela riqueza da estratégia defensiva. Assim, o cangaço figura como última instância de salvação para homens perseguidos. Representava nada mais que um refúgio, um esconderijo, espécie de asilo nômade das caatingas, fuga do serviço militar obrigatório.

Dessa forma, houve cangaços dentro do cangaço, como fora descrito acima foram identificadas modalidades criminais bem distintas. Assim, foi possível isolar, dentro do quadro geral do banditismo rural, formas caracterizadas, com traços peculiares inconfundíveis.

Um dos traços característicos do cangaço é a rede de relações estabelecidas com os representantes do poder local (coronéis/fazendeiros, chefes políticos locais), com a comunidade, com a polícia e entre os próprios membros do grupo.

A relação dos cangaceiros com os coronéis/fazendeiros é representada por gestos de constante auxílio, ambos se fortaleciam com a celebração de alianças de apoio mútuo, surgidas de forma espontânea. Por força dessas alianças, não poucas vezes o bando se colocava a serviço do fazendeiro ou chefe político, que se convertia, em contrapartida, naquela figura tão responsável

pela conservação do cangaço, que era a figura do coiteiro.

Já com a comunidade em geral a relação dos cangaceiros era de “amor e ódio”, ou seja, uma parte dos moradores do sertão de comportava de forma a proteger, com o silêncio, os grupos de cangaceiros, ora dando refúgio aos grupos, ora desviando o rastreamento da polícia apresentando informações e rumos contrários que dificultada o trabalho da polícia. Outra parte da população vivia dias de terror, pois o medo causado pela atuação de alguns cangaceiros perversos se alastrava por toda a região, eram atrocidades sem tamanho, muitas vezes os saques particulares realizados pelos cangaceiros deixavam traumas para toda a vida dos que ficavam à mercê dos bandidos. Algo semelhante ao que ocorre com a prática do seqüestro na atualidade. Além disso, os coiteiros que traiam a confiança dos cangaceiros recebiam punições severas, às vezes podiam pagar com a própria vida.

A relação estabelecida entre os cangaceiros e a polícia não era nada fácil. Pelo contrário, se instaurou no sertão uma verdadeira atividade guerreira entre os cangaceiros e os macacos (policiais que se dedicavam a caçar cangaceiros).

Por fim, a relação entre os membros do cangaço se divide em dois aspectos, a relação externa, com os outros bandos, e a interna, com os cangaceiros do próprio bando. A relação com outros bandos nem sempre era uma relação harmoniosa, muitos grupos nutriam rivalidades com outros e chegavam até a promover caçadas aos outros bandos. Enquanto que a relação interna era orientada pela presença de um chefe, que era aquele que pensava as estratégias e táticas a serem desenvolvidas pelo restante do bando, bem como era a pessoa que estabelecia os acordos com os fazendeiros e chefes políticos. O chefe era sempre um homem que tinha habilidade com armas de fogo e gozava de grande valentia. O restante do bando respeitava as decisões do chefe e assumiam as atividades criminosas ou não determinadas pelo chefe (vigiar, levar recados aos coiteiros, promover saques, matar um traidor ou combater a polícia).

Entretanto, algumas vezes, os grupos de cangaceiros chegaram a invadir cidades e transformá-las em palcos de terror e medo. A despeito desse fato, existem alguns relatos em que os grupos criminosos saírem vitoriosos e conseguiam angariar fundos para a manutenção do grupo através de ameaças aos chefes políticos, dos saques aos estabelecimentos comerciais e do medo instaurado na cidade sitiada por eles. Mas em uma dessas invasões, a da cidade de Mossoró, pelo bando de Lampião, a população se armou e expulsou, a balas, o bando invasor da cidade.

Dessa forma, a vida no cangaço oscilava entre a satisfação de gozar de certo poder, conquistado pelas armas, e uma vida de restrições, pois a alimentação era bastante limitada (carne seca, farinha e rapadura), a “liberdade” era algo que não conheciam, pois, estavam a todo tempo fugindo, não podiam construir uma família, pela falta de perspectiva no cangaço. Normalmente, os cangaceiros que não eram feridos e capturados pelas volantes, como foi o caso de Antonio Silvino, morriam em combate com os policiais, ainda muito jovens, como foi o caso de Jesuíno Brilhante, de Lampião e alguns dos membros de seu bando, inclusive Maria Bonita.

Apesar das dificuldades de sobrevivência no cangaço, os cangaceiros sempre encontravam motivação para continuar nesta vida, ora através do retorno financeiro que adquiriam na prática de atividades criminosas, ora pelos privilégios que gozavam nas suas áreas de atuação, como a participação em festas, o livre acesso aos estabelecimentos e fazendas dos coiteiros e o uso de armas.

Outro aspecto que merece destaque na vida do cangaço é a participação desigual de homens e mulheres. A inserção das mulheres na vida cangaceira só se dá com a autorização de lampião, quando permite que Maria Bonita passe a acompanhá-lo no bando. Depois, a permissão é expandida às demais companheiras dos outros cangaceiros do bando de Lampião. No entanto, a atuação das mulheres era bastante limitada, elas não combatiam, prestando auxílio em algumas das tarefas tradicionalmente femininas, costurando, promovendo consertos em couros e tecidos, amando e procriando. Pois, “A cangaceira jamais quis converter-se em amazona, jamais aceitou perder sua feminilidade. De modo geral era terna. Todas cantavam e dançavam, animando os homens nos pousos. [...] Vale dizer que as mulheres assinalam o início do processo de decadência guerreira que tenderia nos últimos anos a um retraimento quase completo e a uma sedentariedade incompatível com a idéia de cangaço, de guerrilha” (MELLO, 2004, p. 149).

Uma exceção, nesse sentido, foi a participação da cangaceira Dadá, companheira de Corisco, que depois da impossibilidade de usar armas do companheiro, ela passou a usar, e muito bem, armas para ajudar na defesa do bando.

A participação das mulheres no cangaço era um tema bastante polemico e por isso as mulheres foram fator de desagregação, dissensões internas e de esfriamento do ardor combativo. Muitos cangaceiros acreditavam que a presença de mulheres no bando enfraquecia a luta e causava brigas e intrigas por causa de ciúmes.

Tomamos como base para discutir o crime organizado, mais especificamente o tráfico de

drogas no Brasil, o documentário “Crônica de uma guerra anunciada” que retrata o dia-a-dia de uma favela no Rio de Janeiro e as atividades criminosas predominantes, sob o olhar do policial, do traficante e do morador da favela.

A princípio precisamos definir o que estamos entendendo por crime organizado e suas ramificações. O crime organizado é toda organização cujas atividades são destinadas a obter poder e lucro, transgredindo a lei das autoridades locais. Entre as formas de sustento do crime organizado encontram-se o tráfico de drogas, os jogos de azar e a compra de “proteção”. Neste trabalho, o que nos interessa é o tráfico de drogas.

O crime organizado assume três formas distintas no Brasil. Existem os Comandos (Primeiro Comando da Capital, Comando Vermelho, Terceiro Comando); as Milícias Illegais; e a “Máfia do Colarinho Branco”.

Os Comandos são formados por quadrilhas que obtêm o controle das rotas de tráfico de uma determinada região. Um Comando não costuma dar abertura para a entrada de pessoas de fora da sua comunidade na organização, mas podem submeter quadrilhas menores através de ameaça. Além disso, não raro, se valem de usuários de droga, de classe média, como “aviões” para ampliar sua área de venda. A principal atividade dos comandos é o tráfico de drogas.

As Milícias são grupos para militares, formados por policiais e ex-policiais civis e militares, bombeiros, vigilantes, agentes penitenciários e outros, em grande parte moradores das comunidades, que cobram taxas dos moradores por uma suposta proteção e repressão ao tráfico de drogas.

A Máfia do Colarinho Branco é uma designação geral dada a várias quadrilhas formadas por autoridades legais, sem que necessariamente tenham ligação entre si. Geralmente incorrem em crime de tráfico de influência e lavagem de dinheiro.

No geral, o crime organizado brasileiro é investigado pelas Delegacias de Repressão e Investigação ao Crime Organizado (DEIC - Polícia Civil), pela Polícia Federal e pela Agência Brasileira de Inteligência.

A história do tráfico de drogas no Brasil não é algo recente, mas desde o início do século XX já existiam práticas criminosas relacionadas ao consumo e tráfico de drogas.

Até a década de 1910, o Brasil não tinha qualquer controle estatal sobre as drogas que eram toleradas e muito usadas em prostíbulos freqüentados por jovens das classes média e alta. Na década de 1920, o Brasil começa efetivamente um controle, o que nunca havia feito antes. Isso aconteceu porque o vício até então limitado aos

“rapazes finos” dentro dos prostíbulos, passou a se espalhar nas ruas entre as classes sociais “perigosas”.

A maconha foi proibida no país a partir de 1930 e em 1933 ocorreram as primeiras prisões (no Rio de Janeiro) por uso da maconha. Essa proibição se estende até hoje. Proibidas, as drogas, no entanto, continuaram a ser consumidas e aumentou a violência em torno do tráfico.

Nos anos 1960 e 1970, presos comuns e guerrilheiros urbanos trocaram “experiências” na prisão. Com a anistia dos guerrilheiros, os presos comuns se organizaram, a princípio, para reivindicar direitos e melhorias dentro das prisões, a exemplo do Comando Vermelho, que se transformaria, mais tarde, num dos maiores grupos do crime organizado no Brasil.

O aumento do consumo de drogas (cocaína) na Europa e Estados Unidos (EUA) fez com que o Brasil, na década de 1980, se transformasse em rota para o escoamento de cocaína para os EUA e a Europa. Neste cenário, o Comando Vermelho aparece como uma organização inserida nesta nova dinâmica internacional do narcotráfico e passa a dominar o mercado de drogas no varejo no Rio de Janeiro.

Com isso, surgem os “donos-do-morro”, que se aproveitando da ausência do governo impõe suas próprias regras e passa a “mandar” nas favelas onde instala sua “autoridade”. A polícia contrata, soldados sobem os morros, atacam pontos de vendas, prendem traficantes. Tais conflitos deixam mortes de ambos os lados. São criadas polícias de elite (BOPE) com o propósito de combater/inibir o tráfico, mas o comércio de drogas já se tornou um negócio bastante lucrativo, como o governo demorou a combater o problema, agora não consegue desmontar o esquema do tráfico e não consegue vencer essa “guerra”.

O dinheiro advindo do tráfico é um dinheiro sujo. Os “empresários” da cocaína no Brasil “legalizam” o dinheiro conseguido com o tráfico de drogas comprando hotéis, bingos, redes de farmácias, postos de gasolina, bares, lojas de automóveis, fazendas e gado, e com isso, conseguem lavar o dinheiro que entra via tráfico, que depois será usado para financiar o próprio tráfico ou até mesmo para patrocinar campanhas eleitorais de candidatos corruptos que irão defender os interesses dos traficantes junto aos órgãos políticos competentes.

No que se refere ao relacionamento dos membros do tráfico com os moradores da comunidade há uma grande semelhança com a relação estabelecida entre cangaceiros e moradores do sertão. Pois, os traficantes gozam de poder dentro da comunidade, poder este também conquistado pelas armas e perpassa toda a rede de relações dentro da comunidade. O

traficante na comunidade funciona como uma espécie de líder protetor. Os moradores buscam suprir as suas necessidades, muitas vezes negligenciadas pelos governos, na figura do líder do tráfico da comunidade. Isso ocorre de diversas formas: ajuda em dinheiro para comprar alimentos, remédios, cigarros, gás, ou através de proteção/segurança na favela. Como coloca uma moradora no documentário: “as armas têm um lado bom, pois depois que começou a entrar armas na favela, a polícia passou a subir a favela com mais cautela”.

Dessa forma, os traficantes agem como substitutos do Estado, ou como usualmente é defendido como um “Estado Paralelo”, na promoção de uma justiça social forçada. Para eles é inadmissível os salários de miséria que os moradores da favela são submetidos, por isso, o que o governo não faz, se omitindo na implementação de políticas públicas, o tráfico faz, como uma assistência aos necessitados da comunidade.

Talvez por esta razão, os traficantes gozem da conivência em suas atividades criminosas por boa parte dos moradores da comunidade, que se utilizam do silêncio para proteger os traficantes, ou seja, existe, pois, uma reciprocidade entre traficantes e moradores.

Porém, essa relação “harmoniosa” e recíproca se rompe no momento em que os traficantes, por algum motivo, perdem a confiança em algum morador. Daí, a relação calma estabelecida anteriormente pode se transformar em práticas perversas de vingança, muitas vezes a traição é vingada com a morte violenta do traidor.

A relação dos membros do tráfico com a polícia é bastante conflituosa. Atualmente, dias após dias assistimos a guerra declarada entre traficantes e policiais especializados nas favelas brasileiras. Essa guerra deixa sérias seqüelas nas comunidades que funcionam como palco principal dessas batalhas, seja pelo clima de terror estabelecido, em que escolas, estabelecimentos comerciais são obrigados a fechar suas portas, seja pela morte de inocentes atingidos por balas perdidas disparadas tanto por traficantes quanto por policiais.

No que se refere à relação entre os próprios membros do tráfico há uma similitude com o que ocorria no cangaço. Pois, parece existir uma hierarquia dentre os do tráfico. Há um chefe, sempre determinado a manter o domínio das atividades criminosas na comunidade e, na maioria das vezes, nutre rivalidade com líderes do tráfico de outras comunidades. Além do chefe, existem os demais membros que devem ser obedientes ao chefe e realizar as atividades criminosas pensadas pelo chefe (seqüestros,

roubos, vendas de drogas e mortes) sem questionar a autoridade deste.

Um aspecto que merece destaque na vida do tráfico é a presença de crianças e adolescentes, que na ausência de uma família protetora e de ações estatais eficazes, terminam se rendendo aos encantos da vida do crime. A expectativa de vida desses pequenos “criminosos” é muito curta, a maioria deles não consegue atingir a maioridade. Este é um fato lamentável, em que a infância é substituída por práticas de violência cometidas pelas crianças e adolescente como forma de afirmação/iniciação dentro do grupo. Muitas vezes são “afastadas” da sociedade e colocadas em instituições que deveriam recuperá-los, funcionam, na verdade, como espaço de aperfeiçoamento das práticas criminosas, ou “escolinhas do crime”, a reincidência desses na vida do tráfico é quase certa.

A atuação dos traficantes nas favelas tem como motivação: o respeito adquirido na comunidade, o poder advindo do uso das armas e o retorno financeiro trazido pelo comércio das drogas. Esses três fatores fazem do traficante um ser importante na comunidade, capaz de negociar com os representantes legais das comunidades (presidentes de associações de moradores), com políticos e até mesmo promover acordos (subornos) aos policiais.

Conclusão

Acreditamos que a visibilidade e abrangência que o cangaço e o tráfico de drogas ocupou e ocupa na sociedade brasileira, deve-se, em parte aos desmandos do Estado, à falta de segurança pública e do mau uso dos recursos públicos.

Referências

- DINIZ, Ariosvaldo da Silva. Cotidiano, poder e sedição (Nordeste 1850 – 1900). In: Modernidade e pobreza: as ciências sociais dos anos 90. (Anais – volume II, **V Encontro de Ciências Sociais do Nordeste**). Instituto de Pesquisas sociais/Fundação Joaquim Nabuco, 1991.
- DINIZ, Ariosvaldo da Silva. Movimentos sociais no meio rural nordestino. A questão dos saques. **Revista Política e Trabalho**, nº 5 – Mestrado em Ciências Sociais – Universidade Federal da Paraíba, abril, 1986.
- MELLO, Frederico Pernambucano. Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste brasileiro. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.